

Guerrilheiros da utopia, personagens da distopia: breve estudo comparado de *A geração da utopia* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*¹

Maurílio Alves Rocha Júnior²

Resumo: Este artigo analisa, por comparação, a trajetória de dois personagens do romance africano em língua portuguesa: Aníbal (o Sábio), de *A geração da Utopia* (1992) do angolano Pepetela, e Fulano Malta, de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), do moçambicano Mia Couto. Destaca a representação literária da euforia utópica das lutas de independência nesses países, seguida pelo desencanto distópico do pós-independência, caracterizado na expressa decepção dos personagens com a continuidade do sofrimento do povo mesmo com a vitória sobre o colonialismo. No romance angolano o estudo busca os elementos históricos para compreender a “geração da utopia” representada pelo guerrilheiro Aníbal na estrutura do enredo. Na obra moçambicana, analisa o recurso ao fantástico como subgênero literário utilizado pelo autor para representar o mesmo sonho frustrado pela voz da personagem Fulano Malta. Como referencial teórico recorre à bibliografia especializada, dialogando, entre outros, com Ernest Bloch e sua visão da utopia; com Benjamin Abdala Júnior e Rita Chaves sobre as perspectivas históricas, políticas e literárias dos países e autores estudados.

Palavras-chave: Pepetela. Mia Couto. Romance africano.

Abstract: This article analyzes, by comparison method, the trajectory of two characters from the African novel in Portuguese language: Aníbal (the wise one), from *A geração da Utopia* (1992) by the Angolan writer Pepetela, and Fulano Malta, from *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), by the Mozambican writer Mia Couto. It emphasizes the literary representation of the utopian euphoria of the independence struggles in these countries, followed by the dystopian disenchantment of the post-independence, as expressed by both character's disappointment with the continuity of the suffering of their people even with the victory over colonialism. In the Angolan novel the study analyzes the historical elements to understand the "generation of utopia" represented by the guerrilla man Aníbal in the structure of the plot. In the Mozambican novel, it analyzes the use of some fantastic literary elements to represent the same frustrated dream, as the character Fulano Malta reveals. As a theoretical reference, it draws on specialized bibliography, discussing, among others, Ernest Bloch and his vision of utopia; with Benjamin Abdala Júnior and Rita Chaves on the historical, political and literary perspectives of the countries and authors studied.

Keywords: Pepetela. Mia Couto. African novel.

¹ O presente artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em dezembro de 2017, sob orientação da Profa. Dra. Sueli da Silva Saraiva.

² Licenciado em Letras - Língua Portuguesa - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). E-mail: maurilioalvesrocha@gmail.com

1. Introdução

Na entrevista concedida à Denise Mota em 2000 e citada no livro *Portanto... Pepetela* (2009), o escritor angolano Pepetela³ fala sobre a construção do romance *A geração da Utopia* (2000)⁴, mostrando a importância da história das lutas anticoloniais na sua obra: “Uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influências na minha literatura, sobretudo em termos dos temas que escolho” (p. 37).

Nas literaturas africanas de um modo geral, os escritores se dedicaram a narrar a história das lutas de independência e o que aconteceu depois dela, a exemplo dos romances *A geração da Utopia*, publicado pela primeira vez em 1992,⁵ e também de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002)⁶, de Mia Couto⁷. Nos romances, observa-se que seus personagens apresentam um sentimento de esperança utópica antes e durante as lutas de independência. Mas, após a década de conquista segue-se o desencanto, um sentimento de distopia iniciado já no período final das lutas e aumentada imediatamente após a vitória contra o domínio europeu.

Essa mudança ocorreu devido à reprodução do poder do antigo colonizador no projeto da nova nação, muitas vezes pelos próprios heróis da libertação. Deste modo, a partir das caracterizações de dois personagens que participaram nas lutas como guerrilheiros, este artigo tem como objetivo analisar, pelo viés da literatura comparada, a representação na ficção desses homens que lutaram, sonharam e se decepcionaram, assim como a maioria do povo angolano e moçambicano.

Metodologicamente, a análise será comparativa, com pesquisa bibliográfica sobre os romances e levantamento de uma hipótese sobre a caracterização das personagens Aníbal e Fulano Malta. Assim, a análise é feita em dois momentos das narrativas: o primeiro, mais fácil de observar no romance angolano que ocorre em tempos variados, é o encantamento das lutas anticoloniais (utopia); o segundo, que aparece nos dois romances é o desencanto dos rumos dos países independentes (distopia), caracterizada através de dois personagens Aníbal e Fulano Malta, na obra angolana e moçambicana, respectivamente.

Como referência teórica, esse trabalho se focará nessas pesquisas de cunho literário e histórico para contribuição na análise dos romances: Benjamin Abdala Júnior (2003), Ernest Bloch (2005), Gustavo Henrique Ruckert (2011), José Luís Cabaço (2009), Manuel Ferreira (1979), Rita Chaves (2005), Tânia Macedo; Rita Chaves (2009), Sueli Saraiva (2012), Luiz Maria Veiga (2015), entre outros teóricos e estudiosos das literaturas africanas em língua portuguesa.

2. Narrativas de sonhos e de desencantos

³ Pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos

⁴ Para referência neste trabalho foi utilizada a 3ª. edição, Lisboa: Editora Planeta de Agostini/Dom Quixote, 2000.

⁵ As referências deste texto correspondem à sua terceira edição, em 2000.

⁶ As referências neste trabalho correspondem à edição brasileira, de 2003.

⁷ Pseudônimo de António Emílio Leite Couto.

A geração da Utopia apresenta, como pano de fundo as lutas anticoloniais iniciadas por volta de 1961, a conquista da independência em meados de 1970 até o período do pós-independência nos anos de 1990. Esse romance traz quatro capítulos muito significativos para a história de Angola, como também para as literaturas africanas, intitulados: “A casa” (1961), “A chana” (1972), “O polvo” (Abril de 1982), “O templo” (A partir de Julho de 1991).

Na primeira passagem do romance o narrador nos remete aos anos de 1961, o ano que começam as lutas de independência em Angola. Na Casa dos Estudantes do Império (doravante CEI), em Lisboa, Portugal, um grupo de angolanos nacionalistas, Sara, Vítor, Laurindo, Elias, Horácio e Aníbal, discutem sobre o início da guerra contra o colonizador, a falta de informações confiáveis sobre o que estava ocorrendo em sua terra:

Tudo começou em 15 de Março. Não, antes, em 4 de fevereiro, houve ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas. Aí também mistério, quem executara as acções, qual o seu objectivo? Depois foi Março no Norte. Um levantamento contra os brancos, os fazendeiros de café eram mortos e as povoações saqueadas. Era pelo menos essa a propaganda do governo (PEPETELA, 2000, p. 11).

Sobre a relação do próprio escritor Pepetela com a CEI, quando estudava em Lisboa, Luiz Maria Veiga (2015) diz:

O jovem Artur Pestana [...] também passou a frequentar a Casa dos Estudantes do Império, onde moravam e se reuniam outros jovens das diferentes colónias, parte deles envolvida nos projetos políticos de independência. Pepetela já sabia, desde Angola, dessa fama da CEI, mal vista e pouco recomendada pelos familiares dos estudantes que iam para Portugal. Num caso típico de conflito de gerações, esse acabou sendo um dos motivos que o atraiu para o lugar. Lá conheceu camaradas que viriam, como ele, a participar da luta guerrilheira contra as forças colonialistas. (p. 67).

Já no segundo capítulo, “A chana”, o espaço de luta é o leste de Angola, e os personagens centrais são os guerrilheiros.⁸ O tema da guerra faz lembrar outro romance de Pepetela, *Mayombe* (escrito em 1971 e publicado em 1979), mas é diferente deste por não se passar na floresta fechada chamada Mayombe, mas numa planície quente e seca.⁹ O ano é 1972 e o guerrilheiro Aníbal, o Sábio, é descrito andando sozinho e sofrido por este tipo de deserto já no final das lutas, ao encontro de seus companheiros: “O homem tem uma arma, uma Kalasimikov soviética, apoiada no ombro esquerdo. [...] Do

⁸ Muitos outros guerrilheiros estão ao lado de Aníbal, o Sábio, a exemplo de Mundial, Mukindo, Culatra e Dinamite. Mas para este trabalho, selecionamos apenas o comandante Aníbal, para a comparação com a personagem do romance moçambicano.

⁹ O narrador do romance descreve assim o que é a chana: “A chana não é um deserto, nada tem de comum com um deserto. A areia é um pormenor, não a alma do deserto. O deserto é um mundo fechado. A chana são vários mundos fechados, atravessados uns pelos outros. A complexidade da chana está na sua própria definição. Para uns, os optimistas talvez, a chana é um terreno coberto de capim rodeado por uma floresta; para outros, os pessimistas, a chana é um terreno sem árvores que cerca uma floresta” (PEPETELA, 2000, p. 122).

lado esquerdo, o cantil e o punhal adaptável à arma. [...]: o homem é um guerrilheiro” (PEPETELA, 2000, p. 185).

Luiz Maria Veiga (2015) que pesquisou os muitos personagens guerrilheiros nos romances de Pepetela, traz a informação de que essa parte 2 de *A geração da utopia* é o desenvolvimento de um texto que Pepetela começou a escrever logo após terminar *Mayombe*:

O momento histórico recriado por Pepetela na segunda parte (“A chana”) do romance *A geração da utopia*, em que figuram guerrilheiros em fuga, famintos e isolados, descontentes com a direção ou em disputas de caráter regionalista ou tribalista. Declara o autor, em diversas palestras e entrevistas, que esta parte foi a primeira a ser escrita, ainda no ano de 1972, em pleno calor dos acontecimentos, enquanto o resto do livro só veio a ser redigido cerca de vinte anos depois, entre 1990 e 1991. (p. 19).

Rita Chaves (2005) compara *Mayombe* e a segunda parte de *A geração da utopia* e afirma que:

Radicalizando alguns sinais captados nas matas do *Mayombe*, aqui [em “A chana”] é perfeitamente possível detectar as contradições e insuficiências que levariam aos desvios do projeto em parte tão alimentado em “A casa”. [...]. O desencanto parece chegar antes do fim da guerra de libertação, e o discurso do narrador não oculta o sentimento de frustração a prenunciar a descrença. [...] O projeto de uma nação livre se vai estilhaçando na condução de um processo inicialmente banhado pela generosidade de um sonho coletivo. A utopia tem como adversário os próprios homens que investiam em sua construção. (p. 100-101).

A estudiosa também afirma que “o texto literário transforma-se, nessa medida, num espaço não só de registro da crise: seu exercício é ato de reflexão e, nesse compasso, o romance, em seus recursos estruturais, projeta a crise que é a marca de sua época” (CHAVES, 2009, p. 137).

A terceira parte do romance é “O polvo”, que se passa em 1982, já nos tempos da guerra civil angolana, quando o comandante Aníbal fica frente a frente com um destemido inimigo, um polvo gigante, uma figura simbólica que persegue o seu imaginário desde a infância, mas que parece ser a representação do tempo presente feio e assustador. Chaves (2005), resume esta parte:

O tempo correu, a luta pela independência política se fez, o inimigo comum foi derrubado, todavia levantaram-se os fantasmas previstos e mais aqueles que não se fizeram prever. O leitor depara-se com uma sociedade marcada pela corrupção, pela falta de escrúpulos, pela irresponsabilidade social. [...] Aníbal que, orientado pelo seu desencanto retira-se para a praia da Caotinha. (p. 101-102).

Deste modo, é nesta parte que Aníbal, de guerrilheiro utópico passa à personagem distópica, ou desencantada. Parece que “desiste da luta” ou vai fazer outras lutas:

afastado da capital e de qualquer centro de decisão, fica transferido o palco onde se vai dar um grande combate, o combate de um homem

disposto a preservar-se inteiro com seus próprios monstros, com seus medos e seus limites. Inteiro, mas isolado, impotente para lutar contra outras feras, Aníbal compõe a imagem do espírito das chanas do Leste, miticamente identificado com o sonho que o conduziu à luta pela independência. A alusão a essa força no fim do capítulo exprime a hipótese de que adormecida a utopia pode um dia acordar (CHAVES, 2005, p. 102).

A última parte é “O templo”, e se passa a partir de Julho de 1991, quando Angola tenta colocar um fim à guerra civil iniciada em 1976, mas fracassa. Aqui, a personagem central não é Aníbal, Vi última parte é “O templo”, e se passa a partir de Julho de 1991, quando Angola tenta colocar um fim à or, o ex-guerrilheiro Mundial, agora um homem importante, um ministro do novo Estado. A corrupção é a marca mais visível do poder dos novos governantes: “Nesse capítulo, consagra-se a diluição de qualquer sinal na direção de uma sociedade mais justa. [...] instala-se o jogo do “salve-se quem puder”. A ordem é acumular e cada um há de usar o capital de que dispõe” (CHAVES, 2005, p. 103).

Pepetela reconstrói, assim, no mundo literário a história dos momentos das lutas nacionalistas de Angola, iniciando na esperança de uma nação liberta na CEI, passando pela proclamada libertação nacional até o de frustração do pós-independência.

Sobre o texto literário como espaço de reflexão das marcas das lutas de libertação presente na literatura africana, Mia Couto (2009) também ressalta que: “Pepetela não está escrevendo sobre Angola. Ele está escrevendo Angola, essa que há mas que ainda não existe, a sonhada e a geradora dos sonhos” (p. 82).

Mia Couto também fala da história de libertação nacional de Moçambique para construir suas narrativas literárias. O escritor nascido em Moçambique, mas de ascendência portuguesa, no seu romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) projeta no espaço literário o resultado político e social das lutas de libertação nacional que aconteceram no mesmo período que a angolana. Em 25 de junho de 1975 é hasteada a bandeira nacional moçambicana.

Esse romance, que traz o elemento do fantástico que caracteriza a escrita de Mia Couto, inicia com a morte indefinida do avô Dito Mariano, na ilha Luar-do-chão, para onde se dirige o neto Marianinho, estudante universitário na cidade, no continente. Pela tradição seria o mais filho velho, Abstinência, a conduzir a cerimônia do enterro do pai Dito Mariano, porém, o mais-velho já havia ordenado que o neto querido Marianinho o fizesse. Com a morte do velho Mariano, todos os familiares atravessavam o rio para ilha, especificamente, para a casa chamada Nyumba-Kaya, um nome que significa “casa”: no norte (Nyumba) e no sul (Kaya).

Nesse processo surgem cartas misteriosas, escritas não quando o avô estava vivo, mas sim no processo de transição da vida para a morte. O morto pede ao neto Marianinho para cumprir as ordens deixadas nas cartas, no entanto, estas narrativas escritas não deveriam ser mostradas a ninguém da ilha:

Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças. Aprenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si.

Sempre que for o caso, escreverei algo para si. Faça de conta são cartas que nunca antes lhe escrevi. Leia mas não mostre nem conte a ninguém. (COUTO, 2003, p. 56)

O objetivo dessas cartas é a salvação da ilha Luar-do-chão do avanço da modernidade sobre a tradição, guiada pelas mãos corruptas de homens como o seu filho capitalista Último. Através destas cartas, o avô Dito Mariano conta a história de todos os familiares e conhecidos, e chama a atenção para o seu segundo filho e pai de Marianinho, o ex-guerrilheiro Fulano Malta:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. [...] Comece em seu pai, Fulano Malta. (COUTO, 2003, p. 64)

Marianinho diz sobre o seu pai: “Meu pai [...] tinha a alma à flor da pele. Já fora guerrilheiro, revolucionário, oposto à injustiça colonial [...]. Meu velho Fulano Malta transpirava o coração em cada gesto” (COUTO, 2003, p. 16). Mas, como afirma Sueli Saraiva (2012), “o que Marianinho reencontra é a triste figura de uma alma que perdeu o vigor: ‘Quando me vê, deixa-se ficar imovente, fosse demasiado o esforço de simplesmente estar ali’” (p.57). O ex-guerrilheiro, que lutou e sonhou com a independência aparece abatido e desanimado com a nova pátria, que continua tratando dele como um ninguém:

Fulano Malta, um nome que não nomeia, já que “fulano” significa um sujeito qualquer, sem importância, e “malta” designa um coletivo de seres anônimos, a multidão [...] Logo, o nome Fulano Malta se revelará no decorrer da história, metáfora da sociedade moçambicana que acreditou, lutou e se decepcionou com os rumos tomados no pós-independência (SARAIVA, 2012, p.57).

Assim, tanto Aníbal quanto Fulano Malta vão representar os guerrilheiros que ajudaram a construir o sonho e que, muito diferente de alguns que se aproveitaram do poder conquistado pelo mito do herói nacional, não traíram o seu povo, mas por isso mesmo sentiram duramente os tempos distópicos que vieram depois dos tempos da utopia, como veremos a seguir.

3. O guerrilheiro angolano em tempos utópicos e distópicos

Em outra entrevista, concedida à Wilson Bueno em 2006, o escritor angolano relata que o romance *A geração da Utopia* é: “[...] sobre uma estória de uma geração que fez a independência de Angola e não soube fazer mais” (p. 43). Essas palavras podem ser referidas diretamente aos personagens Sara, Vítor, Laurindo, Horácio e Aníbal que inicialmente discutiam a situação dos países africanos na CEI e que foram uma representação juvenil importante nas lutas armadas de libertação dos países africanos.

A CEI, como já foi descrita em seções anteriores, foi um ponto de interseção de discussões políticas sobre os países africanos: “(...) acaba tornando-se importante ponto para a reunião das futuras elites culturais e políticas africanas, que tinham por ideal comum a independência das colônias e a ideologia antifascistas” (RUCKERT, 2011, p. 3).

Esses personagens tinham ideais contra o colonialismo, um sistema político que, na perspectiva do escritor Manuel Ferreira (1979), se caracterizava como a repressão do país e seu povo, o aprisionamento da tradição, da língua e da economia africana para a assimilação forçada da cultura do Outro, do colonizador:

O colonialismo (...) é a negação da personalidade do Outro. Em todos os aspectos. Para além da repressão individual, da exploração econômica, da negação do sentimento e da consciência nacionais, é criada a ideia de uma pátria outra. (p. 40).

No romance de Pepetela, Sara, uma jovem angolana branca que estava terminando o curso de medicina em Lisboa, tinha uma visão crítica sobre o sistema colonial e as precariedades nos países africanos e sonhava em lutar contra a política de exclusão dos colonizadores europeus: “Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colônias, se não era reflexo directo e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia os seus objetivos” (PEPETELA, 2000, p. 8).

Além do colonialismo, alguns dos estudantes da CEI lutavam contra o fascismo¹⁰ em Portugal, como Laurindo, um jovem mestiço da Gabela, que estava sempre em manifestações contra os regimes opressores (fascismo e colonialismo). E na manifestação do dia 1º de maio, dia do trabalhador, ele estava presente na concentração de manifestantes, ao lado de Sara, clamando palavras de ordens contra o fascismo em Portugal.

Mas, a passagem a seguir mostra que lutar contra o fascismo, para muitos revolucionários brancos portugueses, não era o mesmo que lutar pelo fim da colonização. Quando alguém na multidão grita: “Abaixo a Guerra Colonial, Independência para as Colônias. Poucos repetiram, e em breve corria o murmúrio, é um provocador, é um provocador”. Sara e Laurindo que haviam também gritado, não gostam dos comentários e dizem: “Porquê provocação? Gritar Abaixo o Fascismo não era provocação e Independência das Colônias era? Não se tratava da mesma luta? A malta da Casa teria razão, já não era?” (*idem*). Ou seja, os africanos teriam que fazer a luta pelas independências, sem esperar que mesmo os portugueses que lutavam contra o salazarismo os ajudassem.

Já a personagem Horácio, um dos poetas da CEI, defendia que a literatura africana tinha influências com a literatura brasileira, especificamente, com a escrita dos escritores modernistas brasileiros. E que todos os momentos de lutas presentes nos países africanos poderiam ser inferidos nas poesias de Carlos Drummond de Andrade, e que existia “influência dos escritores brasileiros sobre a juventude literária de Angola.” (PEPETELA, 2000, p. 32).

Muitos dos estudantes da CEI interessavam-se por assuntos políticos de seus países, porém, alguns personagens poderiam ser chamados de “assimilados” à cultura do colonizador, a exemplo de Malongo, que se interessava somente pelo esporte, o futebol. Ele não tinha o menor interesse pela libertação nacional e os assuntos políticos de seu país. Era considerado pelo grupo, inclusive a namorada Sara, como um analfabeto político. Ele mesmo se define, com ironia, como tal: “Malongo despediu-se, levantando-se um analfabeto vos saúda” (PEPETELA, 2000, p. 34).

¹⁰ Período da ditadura fascista portuguesa iniciada em 1926, com o Estado Novo de Salazar, terminou somente com a Revolução dos Cravos em 1974.

Sobre a “assimilação” dos costumes europeus pelos africanos, ela foi oficial até 1958, um “estatuto criado pelo sistema colonial para diferenciar aqueles que assumiam a cultura portuguesa” (COUTO, 2003, p. 107). Em seu livro de memórias, Raúl Bernardo Honwana (1989), o pai do escritor Luis Bernardo, recorda que na sua época de juventude, o africano considerado civilizado deveria fazer uma vistoria, respondendo várias perguntas. Se apto, ele recebia um documento, o “alvará de assimilação” (p. 69-70): “o africano que se considerasse ‘civilizado’ devia fazer um exame, respondendo a certas perguntas e deixando que uma comissão fosse à sua casa ver como é que vivia, se sabia comer como um branco, à mesa, se se calçava e se tinha uma só mulher.” (*Idem*).

Esta situação, se já não existia oficialmente em 1961, como mostram os documentos da colonização portuguesa,¹¹ mas o tratamento que os africanos recebiam dos brancos na colônia ainda era muito semelhantes. Era contra esse tipo de sociedade que os jovens da CEI estavam dispostos a lutar.

A personagem principal deste grupo é Aníbal, o futuro comandante Sábio, um combatente intelectual ligado ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), influenciado por livros filosóficos e sociológicos; material proibido pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (Doravante PIDE), que impedia a população das colônias portuguesas, mesmo os estudantes da CEI na metrópole, de lerem livros revolucionários, contrários ao seu sistema governamental opressor, como era o caso do governo fascista e colonizador português da época.

A personagem Sara descrevia o perfil de Aníbal: “Aníbal era baixo e magro, pouco mais alto que ela. Olhos profundos, lábios e nariz pouco grossos. Dava uma sensação de fragilidade a quem não o conhecia. Porém, ela sabia, era todo o contrário, uma tremenda força interior” (PEPETELA, 2000, p. 21). O guerrilheiro Aníbal estará presente em quase todos os capítulos do livro, comandando as ações, como se as situações políticas de Angola discutidas na CEI e a resistência armada contra o colonialismo estivessem entrelaçadas na própria existência deste personagem.

Podemos pensar que antes das lutas de libertação, iniciadas em 1961, e em momentos durante as lutas, o comandante Aníbal foi um sujeito utópico, sonhando com a igualdade e justiça após a colonização, assim como os demais guerrilheiros que o acompanhava.

Na perspectiva de Bloch (2005), a utopia: “(...) é o processo que ainda não resultou no seu conteúdo mais imanente, o qual está sempre a caminho de se realizar.” (p. 144). Esse sonho, que segundo Bloch está em andamento, pode ser observado nas discussões do Aníbal, o Sábio, juntamente com os outros estudantes na Casa dos estudantes em Lisboa, tendo em vista que eles tinham esperanças de um dia Angola tornar-se nacionalmente independente, uma nação justa, livre de todas as opressões, inclusive, como Ruckert (2011) aponta: “livre de questões raciais” (p. 4). Aníbal filosofa em determinado momento:

– Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conhecestes. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças,

¹¹ Mas, para o sociólogo moçambicano, José Luis Cabaço, este instrumento legal do Estado colonial português esteve em vigor basicamente de 1917 até 1961 (2009, p. 111), não somente até 1958, segundo alguns documentos oficiais.

sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. (PEPETELA, 2000, p. 313)

Mas, esfriando a euforia nascida na casa universitária dos então estudantes, já guerrilheiros no capítulo “A chana”, percebe-se que as personagens seguem o sonho com a derrota dos colonialistas, entretanto, surgem momentos em que esse combate é marcado por certa desesperança entre os combatentes. Aníbal sente-se desmotivado com os rumos desse movimento de luta de libertação. Como aponta nos diálogos entre o Sábio e Mundial, codinome de combatente para referir-se à Vítor: “Não digo que a luta contra o colonialismo é absurda, mas o caminho que a guerra tomou é absurdo. Olha para os guerrilheiros. São hoje uns foragidos, quase mercenários, já nada têm de combatentes revolucionários, nada, absolutamente nada.” (PEPETELA, 2000, p. 227).

Com as decepções das lutas nacionalistas, Aníbal aposta suas esperanças somente no destino, a espera de um futuro, isto é, esperar algo positivo na política dos poderosos: “Não, nada já tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais colectivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro” (PEPETELA, 2000, p. 290).

Em abril de 1982, no capítulo “O polvo”, observa-se que Aníbal enfrenta frente a frente com um dos seus implacáveis inimigos, o polvo gigante, um animal que aterrorizava desde a infância, em Benguela. E nesse enfrentamento o ex-guerrilheiro Sábio surpreende-se quando percebe que o monstro aquático gigante nada mais é do que uma idealização criada por ele mesmo, quando criança:

Puxou pela corda e o polvo apareceu, uma massa redonda primeiro e depois os tentáculos todos juntos, virados para o mar. Dezenas de peixinhos rodeavam-no para o debicar. Puxou-o para fora e viu então que era um polvinho, não o monstro marinho contra o qual combatera.” (PEPETELA, 2000, p. 392).

Observando os capítulos “A chana” e “O polvo”, entende-se como início dos tempos distópicos da personagem, tanto que se isola na Baía Azul, um lugar distante de todas as Baías. Diferentemente da personagem que na CEI demonstrava as suas esperanças por uma guerra vitoriosa contra os colonialistas: “Somos nós, com a guerra em Angola, que vamos derrubar o fascismo” (PEPETELA, 2000, p. 72).

Ruckert (2011) aponta que o polvo na cultura africana caracteriza: “a conexão entre o passado e o presente” (p. 11). Isto pode caracterizar uma ligação entre o Aníbal combatente e o Aníbal ex-combatente, ou seja, uma ligação entre a personagem do passado, de 1960 até 1972, com do presente dentro do romance, de 1982 até 1991. Assim com a morte do polvo, destacamos também a morte das ideologias, da própria utopia, da personagem quando combatente e, agora, ex-combatente.

Essa personagem iludido com a idealização de uma nação livre das colônias pode ser caracterizado como todos os combatentes africanos que, primeiramente, estavam esperançosos por Angola livre das hegemonias coloniais e que combateram junto com o Movimento de Libertação de Angola (MPLA), cujo objetivo seria uma sociedade mais equitativa, democrática. No entanto com os rumos desse combate tornaram-se distópicos, a decepção tomou conta do sonho.

Observando a personagem na transição desses capítulos no romance, entende-se que o escritor canalizou a história dessas lutas de libertação para a construção de *A geração da Utopia*¹². Conforme Pepetela repagina em suas memórias a importância da criação da obra literária, como diz na entrevista já referida a Bueno (2000): “Esta geração realizou parte do seu projeto, a independência. Mas nós lutamos também pela criação de uma sociedade mais justa e mais livre, à que conhecíamos sob o colonialismo” (Apud CHAVES; MACEDO, 2009, p. 43).

Este personagem que acreditava que a luta traria a paz e a equidade para Angola, percebeu que depois das lutas nacionalistas os seus “sonhos diurnos” (BLOCH, 2005), isto é, aqueles sonhos que sustentam as esperanças dos personagens, com um futuro de um país longe do colonialismo, estavam desmoronando: “A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder” (PEPETELA, 2000, p. 313).

Aquele futuro que estava latente, aceso, nas esperanças do combatente, que agora é um ex-combatente estava apagando-se. A utopia estava rendendo-se para a distopia: “A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefacção. Dela só resta um discurso vazio” (PEPETELA, 2000, p. 314).

Essa distopia é entendida como o inverso da utopia, é uma desilusão do desejo idealizado das personagens. Essa distopia faz com que o ser não tenha esperanças, demonstrando uma incapacidade de imaginar o horizonte: “(...) demonstrar nossa total incapacidade de imaginar tal futuro” (BLOCH, 2005, p. 15).

E essa distopia estava se concretizando a partir do capítulo “O templo” quando a personagem percebia a presença de uma nova roupagem da corrupção no país angolano, chamada agora de neocolonialismo: “E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu apesar de tudo a independência, logo a seguir vos tirou a capacidade de a gozar” (PEPETELA, 2000, p. 477).

O heroico Aníbal, visto na perspectiva da utopia e distopia, representa todos, homens e mulheres, soldados e camponeses, que sonharam por uma nação justa, livre, da opressão do colonizador, mas que desacreditaram na independência, no momento que se perceberam que o colonialismo ainda estava enraizada na sociedade. Como salienta Cabaço (2009), nas lutas de libertação todos os camponeses estavam envolvidos nesse combate solidário, todos unidos por uma só utopia, o livramento das correntes coloniais:

A prática da luta armada implicava um profundo envolvimento com os camponeses, uma íntima relação do pensamento nacionalista com a vida do povo, a consolidação da sua miséria, mas também das suas capacidades de sobrevivência perante situações tão difíceis” (p. 314)

Nessa reflexão sobre a utopia e distopia caracterizada nos personagens de Pepetela, Abdala Júnior (2009) reforça que a luta dos personagens é por dentro e por fora do seu próprio eu. Isto quer dizer que Aníbal lutou contra a política antirrepublicana do outro, colonizador, mas também lutou contra os supostos pessimismos do seu eu, isto é, o medo de decepcionar a pátria e o seu povo: “O combate do herói – os seus gestos – é

¹² Lembrando, mais uma vez que antes de *A geração da Utopia*, o autor já tinha abordado reflexões sobre a futura sociedade pós-colonial em outros romances como *Mayombe* (2013), *O desejo de Kianda* (1995) e depois concluiu em *Predadores* (2005).

tanto uma luta histórica como psicológica, reafirmamos. Uma tensão que se efetiva por dentro e por fora do indivíduo [...]” (p. 173).

No entanto esse neocolonialismo, representado no capítulo “O templo”, está caracterizado com uma nova camuflagem, como os casos de corrupção dos governantes, sonegação de impostos, disputas por terras ricas em petróleo, cafeicultura, diamantes, ferro, madeira, desvios de verbas por organizações governamentais públicas (Cf. OLIVEIRA, 2008), como também violência e vendas de drogas ilícitas:

Com efeito, passadas as celebrações das independências, a realidade social surge desarticulada e o mundo oscila, para os africanos, com a tomada de consciência fulgurante das suas dificuldades. Cada enunciado narrativo torna-se em África o espelho de um número infinito de situações marcadas por um clima generalizado de angústia e de perda (AFONSO, 2004, p. 391).

Essa caracterização do neocolonialismo está presente entre os personagens: Vítor, com codinome de Mundial nos tempos de lutas de libertação em 1972, agora em 1991, no capítulo *O templo*, é um político corrupto que utiliza do dinheiro público para ostentar uma vida luxuriosa da sua mulher, Luzia; Malongo, um jogador apolítico, que agora é um empresário independente e Elias, o estudante defensor das ideias da União dos Povos de Angola (UPA), que neste capítulo aparece como um contestável líder religioso da Igreja de Dominus.

Com essa tríade neocolonial, a igreja de Dominus torna-se um grande alicerce para a reeleição do representante governamental Vítor, investimentos para Malongo e “prestígio e poder pelo apoio que recebe” (PEPETELA, 2000, p. 450) para a igreja e o bispo Elias, o falso profeta. Conforme salienta Ruckert (2011):

Três Vozes são unidas pelos desejos individuais em um perverso plano de busca pelo poder: as vozes de Malongo, Vítor e Elias (...). Desse modo, aproveitando da carência de certezas, esperanças e alegria do povo angolano em tempos tão conturbados, a igreja de Dominus se torna uma grande potência com apoio político de Vítor, e o investimentos de Malongo. (p. 12)

Podemos também detectar esses discursos na voz de Elias quando conversa com o político Vítor Ramos sobre a igreja dominus:

– (...) Daqui transbordará para África e depois para todas as diásporas africanas. Imagina o mercado mundial de almas à nossa disposição. Com as crises econômicas, com a perda da utopia da libertação política, com o fim do inimigo que estava do outro lado na guerra fria, com a dívida externa que tira qualquer hipótese de desenvolvimento aos nossos países, os jovens desempregados e sem instrução, a delinquência e insegurança galopantes, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como a única salvação (PEPETELA, 2000, p. 450).

Do princípio utópico até o distópico, nota-se que o autor foi criterioso na representação da luta anticolonial que aconteceu em Angola. A cada capítulo nota-se o fôlego eufórico, utópico, dos guerrilheiros por uma identidade nacional liberta de todas as opressões, corrupções e desigualdades sociais que, supostamente, acabariam com a

saída do colonizador. Tal desânimo distópico visível principalmente no inigualável combatente Aníbal, também percebe-se nos outros guerrilheiros, ainda durante as lutas.

Mas esse desencanto parece se reverter em utopia novamente, anos mais tarde, na fala de Judite, filha de Sara com o ex-jogador e ex-namorado da CEI, o agora corrupto Malongo. As marcas de uma nova geração da utopia estão presentes na voz de Judite, mulher, médica, independente, que está centrada nos assuntos políticos de seu país. Através da personagem Judite, percebe-se essa renovação do “sonho diurno” (BLOCH, 2005) num diálogo sobre política entre a jovem, Orlando, Malongo e Vítor:

Alguns de vocês, que enriqueceram ilicitamente, vão ter de explicar mesmo como o fizeram. O tio Aníbal diz que vieram todos iguais da mata, cada um com a mão à frente e outra atrás, para tapar a nudez. Depois, alguns acumularam fortunas. Como conseguiram, se todos ganhavam mais ou menos os mesmos salários? (PEPETELA, 2000, p. 423)

Outra personagem que também representa o renascimento da utopia é o namorado de Judite, chamado de Orlando, um jovem economista que acredita que Angola ainda tem fôlego para erguer-se contra o governo corrupto: “– Digamos que há um grupo de pessoas com o mesmo tipo de ideias e preocupações e que se organiza para pensar em conjunto. Poderá ou não actuar em relação ao poder.” (PEPETELA, 2000, p. 416).

Portanto, observando as vozes desses personagens percebe-se uma nova reconstrução da utopia, aquelas esperanças esquecidas em alguns momentos pelo herói ex-combatente Aníbal. Judite e Orlando podem ser caracterizados como uma nova roupagem para as personagens Sara e Aníbal, que fizeram a diferença na CEI e até nas lutas de libertação. Mas esses personagens podem ser caracterizados como os combatentes da modernidade que lutam por igualdade e justiça dentro do regime dos representantes políticos de Angola, cada vez mais “predadores”, como resume Pepetela em seu romance de 2005.

4. O guerrilheiro moçambicano em tempos utópicos e distópicos

Na conjuntura dos anos 1960 até a proclamada independência em 25 de junho de 1975, aconteceram as lutas de libertação nacional, em que os moçambicanos estiveram envolvidos, do mesmo modo que em Angola. Entre conflitos, divisões, mas unidos numa forma solidária na luta contra o inimigo comum, o colonizador, por uma só conquista, uma só utopia: erguer a bandeira da independência e banir as marcas do colonialismo.

Cabaço (2009) salienta que foi uma luta implacável contra este sistema que acorrentava a economia, cultura e propriamente os sonhos dos moçambicanos. Em 1960 em diante foram anos de lutas armadas, anos de combates contra o regime português. Os colonialistas, também chamados de colonizadores, acreditavam plenamente no seu poder governamental, entretanto, não contavam com força interna e externa dos africanos, desses combatentes impávidos, que sonhavam por uma pátria liberta.

Esses anos eufóricos das lutas de libertação nacional podem ser observados em representações ficcionais de muitas obras literárias escritas no pós-independência em Moçambique. Mia Couto, no entanto, focaliza na maior parte de seus romances o período da guerra civil (1976-1992), fazendo alguma referência no enredo ao passado colonial.

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, embora traga como pano de fundo o período já posterior à guerra civil em Moçambique (1976-1992), reflete o que foram

as lutas de libertação, encerradas em 1974, pelos relatos memorialísticos das personagens e nas cartas do avô-defunto Dito Mariano, ao seu neto Marianinho. Mas, como já antecipado, a personagem trazido para o enredo como representação da decepção com os rumos que o país tomou é o ex-guerrilheiro Fulano Malta.

Todos os personagens neste romance estão entrelaçados em memórias e tempos, inclusive a casa da família, a Nyumba Kaya, quase um personagem atuante do romance, uma vez que ela é o centro de toda a narrativa. O próprio narrador Marianinho a trata como alguém da família, uma mulher que o desafia quando chega à ilha Luar-do-chão após muitos anos: “A grande casa está defronte a mim, desafiando-me como uma mulher. Uma vez mais, matrona e soberana, a Nyumba-Kaya se ergue de encontro ao tempo” (COUTO, 2003, p. 29).

Saraiva (2012) aponta que esse lugar que agrega familiares do Norte e Sul é uma caracterização da própria nação Moçambicana: “[...] um símbolo de união entre os pólos deste lugar ficcional que metaforiza a nação Moçambique em suas múltiplas facetas” (p. 54).

No enredo de características fantásticas, o avô Dito Mariano, um velho patriarca, estava no processo de transição para a morte e se preocupava com o destino da ilha Luar-do-Chão e da Nymba-Kaya. Por isso, escrevia as cartas para neto, “o novo, o presente-futuro” (SARAIVA, 2012, p. 127), para que este protegesse a casa e a ilha (a nação) das mãos de pessoas que não as amavam. No caso, o filho mais velho, o alienado Abstinência, e o mais novo, o egoísta e corrupto Últímio. Abstinência era um ex-funcionário colonial, magro e obscuro; Últímio, um capitalista moderno: “muito se dava a exibir, alteado e sonoro, pelas ruas da capital. Não frequentara mais a sua ilha natal, ocupado entre os poderes e seus corredores” (COUTO, 2003, p. 16). O neto deveria ainda trazer esperança ao filho do meio, o triste ex-guerrilheiro Fulano Malta que “[...] no tempo colonial, ele até recusou ser assimilado. Abstinência e Últímio aceitaram logo, se inscreveram, preencheram papeladas” (COUTO, 2003, p. 65-66).

Todos os personagens são significativos no entrelaçamento da narrativa dessa nação que despedaçou o sonho utópico Pré-75. Porém, neste trabalho focalizaremos Fulano Malta, justamente por ser um ex-combatente nas lutas de libertação em Moçambique. Com fulano Malta temos a visão do guerrilheiro soldado, em vez do guerrilheiro comandante, já visto no angolano Aníbal, em *A geração da Utopia*.

A história do guerrilheiro Fulano Malta começa durante o colonialismo, como uma fuga de uma vida sem sentido. Sentia-se triste, apesar de casado com a moça por quem era apaixonado, Mariavilhosa: “seu viver se foi amargando e ele, mal escutou que havia guerrilheiros lutando por acabar com o regime colonial, se lançou rio afora para se juntar aos independentistas” (COUTO, 2003, p.72).

Este parece ter sido o nascimento da utopia de Fulano Malta, que buscou um sentido para a sua vida nas lutas de libertação nacional. Esse sonho de mudança também o levou a agir pelo coletivo no combate ao colonialismo e tudo o que ele provocava: a desigualdade social, violência, abusos de mulheres e crianças, a falta de equidade na distribuição de rendas e a exploração de riquezas naturais. Esta situação de séculos de abusos e exploração gerou uma grande perturbação e revolta social entre os moçambicanos. E foi assim que se formaram os combatentes moçambicanos para a luta armada na Frente de Libertação de Moçambique (Cf. CABAÇO, 2009).

Na FRELIMO, Fulano talvez tenha acreditado na criação do “homem novo” para a nova nação. Segundo Cabaço (2009), para que um cidadão tornar-se um combatente da

FRELIMO, ele necessitaria passar por atividades militares para desenraizar o homem-velho, isto é, o homem colonizado, contaminado com rastros da cultura do colonizador, para se suceder ao homem-novo, ou seja, o homem patriota, solidário, que estar disposto a lutar pela independência da nação de Moçambique:

Ali compreendi porque os dirigentes da FRELIMO chamavam de Nashingwea de “nossa universidade”, escola de vida onde se “criavam relações de tipo novo”, onde se “forjava a unidade nacional”, onde estava em gestação o *homem novo* (por oposição ao “homem velho” resultante da contaminação da sociedade colonialista), que deveria dar corpo a uma nova “identidade moçambicana” (p. 307)

Passam-se os anos das lutas nacionalistas e Fulano Malta volta para a ilha e para a família Mariano com o fardamento de soldado da FRELIMO e com os olhos cheios de esperanças dessa vitória nas lutas de libertação.

Fulano Malta chegou em 1974, já consagrada a vitória contra governo colonial, e todos o olhavam como “herói de muitas glórias” (COUTO, 2003, p. 72). Depois “seguiu-se um ano de transição, um longo exercício na entrega dos poderes da administração portuguesa para a nova governação” (Idem). Neste tempo a esposa engravidou e daria à luz justamente quando a bandeira da nova nação seria hasteada.

Mas durante os festejos da proclamada independência de Moçambique, Fulano Malta de repente deixa de lado a euforia das lutas de libertação, não querendo juntar-se ao ensaio e tampouco ao desfile oficial dos heróis combatentes:

Até que um dia aconteceram os ensaios para os festejos da independência que seria declarada dali a um mês. Treinava-se para o verdadeiro desfile a ter lugar na capital, aquando das cerimónias centrais. Minha mãe, Dona Mariavilhosa, gabava as belezas de seu marido enquanto dava brilho aos seus fardamentos. [...] Seu Fulano seria o mais elegante no ensaio da parada militar, anunciada para essa tarde. (COUTO, 2003, p. 72).

O narrador Marianinho tendo ouvido essa história sobre o seu pai, continua:

Enquanto, nas ruas da vila, as tropas desfilaram as pré-vitórias, meu pai despiu a sua farda e se guardou em casa” (idem). A esposa e os amigos não entendiam porque o herói libertador se sombreava no resguardo do lar, alheio ao mundo e ao glorioso momento (idem).

Acredita-se que ele se desencantou até com os “heróis” oportunistas, pois quando a esposa Mariavilhosa conversa sobre os festejos dessa vitória, Malta apenas argumenta: “Aqueles que, naquela tarde, desfilavam bem na frente, esses nunca se tinham sacrificado na luta” (COUTO, 2003, p. 73).

Neste ponto, pode-se analisar como o início da distopia dessa personagem. Para Fulano Malta, o sonho latente, esperançoso de uma nação inteiramente independente ou como Cabaço descreve: “utopia da libertação sonhada e anunciada” (2009, p. 300) foi apenas um encantamento temporário. Passada a luta armada, o içar da bandeira, ou seja, a proclamada independência nacional de Moçambique, ele não estava feliz, apesar de seu filho estar para nascer, este sim simbolizando uma nova esperança, como aparece neste diálogo do ex-guerrilheiro com um amigo.

Que faz, Fulano? Não vai desfilar?

- Porquê?
- Porquê? Você não devia estar no ensaio das comemorações?
- Para comemorar o quê?
- A independência! Ou não está feliz com a independência?

Meu pai não respondeu. Ele queria dizer que a independência que mais vale é aquela que está dentro de nós. O que lhe apetecia celebrar era o vivermos por nosso mando e gosto. Em vez disso, porém, meu velho apenas encolheu os ombros: - Estou feliz, sim. Muito feliz.

- E então

- Mas vou ficar aqui, a fazer companhia a minha mulher. Faz anos que não assisto um poente junto com ela. (COUTO, 2003, p. 72-73).

A esposa ainda insistiu quando se aproximava a noite do hastear da bandeira:

[...] como seria possível ficar indiferente com a subida da bandeira, o pano de toda espera, o desfraldar de toda esperança? Fulano não se esforçou a explicar.

Palavras foram estas poucas: - Se é para aclamar bandeira eu escolho o redondo de sua barriga (COUTO, 2003, p. 73).

Claramente, esse ex-combatente tinha motivos para tal rancor distópico. Mesmo acabado de chegar dos campos de batalha, em 1974, ele já levantava dúvidas sobre os rumos do país liberto, que ele imaginava não iria trazer-lhe a esperada felicidade:

Fulano Malta passara por muito. Em moço se sentira estranho em sua terra. Acreditara que a razão desse sofrimento era uma única e exclusiva: o colonialismo. Mas depois veio a Independência e muito da sua despartença se manteve. E hoje comprovava: não era de um país que ele era excluído. Era estrangeiro não numa nação, mas no mundo. (COUTO, 2003, p. 74).

E Fulano Malta “nunca mais [...] falou de políticas” (COUTO, 2003, p. 72). Esse sentimento de tristeza nos ex-combatentes, Fulano Malta, que nunca mais falou de política, e Aníbal, recluso numa ilha, pode ser entendida como a distopia, a perda das esperanças. Uma frustração que impossibilita os personagens de imaginarem os seus países livre da exploração dos colonizadores.

A máxima desesperança de Fulano Malta aparece na descrição que dele faz o narrador: “Meu velho, Fulano Malta, ergue a cabeça e proclama - não estou abrindo sepulturas para o falecimento, seu respeitoso Avô. Estou-me enterrando a mim, vivo, enquanto tenho forças.” (COUTO, 2003, p. 183).

A simbologia da morte associada à perda de um sonho utópico aparece na noite da independência quando o filho de Fulano Malta, que nasce morto enquanto se ergue a bandeira da nova pátria que está nascendo: — chamemos parto àquele acto vazio — se deu na noite da Independência” (COUTO, 2003, p. 191). Como afirma Saraiva sobre esse fato (2012): “se acirra a amargura de Fulano Malta. Metaforicamente, o ex-guerrilheiro era o pai de um futuro ilegítimo, ou natimorto (p. 129).

Retomando a relação do avô Mariano e o neto Marianinho (que no final será revelado que é seu filho), compreende-se porque seria ele, o mais jovem dos Marianos, a

conduzir os rumos do país: o seu pai, o ex-guerrilheiro Fulano Malta não vivia mais o sentimento de utopia. Por isso, o velho Mariano em seu “estado ‘cataléptico’” (SARAIVA, 2012), diz nas cartas sobrenaturais que Marianinho precisa primeiramente salvar o seu pai do pessimismo, do mundo distópico, no qual viveu durante anos, pelos motivos de ter perdido o filho e também a esposa, desaparecida talvez num suicídio não aceito pela família: “Que se tinha afogado, isso sabia-se vagamente” (COUTO, 2003, p. 71). Mas como o enredo revela, tudo estava relacionado com os maus caminhos do país após a independência:

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congénito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa. (COUTO, 2003, p. 65)

Essa utopia não é renascida somente na personagem Marianinho, mas na própria ilha, os filhos de Moçambique, tentam ressurgir diante da devastação que foram esses anos acorrentados no colonialismo. O narrador do romance de Mia Couto aponta essa utopia no início do romance: “No entanto, mais além, à mão de um olhar, a vida reverbera, cheirosa como um fruto em verão: enxames de crianças atravessam os caminhos, mulheres dançam e cantam, homens falam alto, donos do tempo.” (COUTO, 2003, p. 28).

5. Considerações Finais

Neste breve estudo comparativo dos romances *A geração da Utopia* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, defendemos a hipótese que as personagens caracterizadas como guerrilheiros das lutas de libertação em Angola e Moçambique são exemplos dos africanos que sonharam e se decepcionaram com a realidade política e social de suas nações independentes. No romance angolano, Aníbal é um personagem que se mostra utópico nos capítulos “A casa” e “A chana”, em euforia com os enfrentamentos nos anos de 1961 até 1974 – o mesmo ano que marca o período mais crítico das lutas de independência nacional. Nesses capítulos verifica-se a vitalidade dos tempos de esperança da personagem Aníbal. Já nos capítulos *O polvo* e *O templo*, os tempos são distópicos, até mesmo com a suposta morte do combatente Aníbal. Mas que essa utopia é renascida na juventude angolana com as personagens Judite e Orlando. Um casal atento à política e sociedade angolana. Uma nova “geração da utopia”?

Esses tempos utópicos também foram vividos pela personagem do romance moçambicano, Fulano Malta. Essa personagem foi combatente, consagrando-se como um herói na família Mariano, por trazer a paz e a independência em Moçambique. Entretanto, tal como o ex-combatente Aníbal, tornou-se distópico pelos rumos que a sua vida e da nação moçambicana estava seguindo. A esperança também estava na nova geração, representada principalmente pelo narrador, o jovem Marianinho, personagem que estava entre a tradição e a modernidade. A retomada da utopia é a salvação também da casa dos Marianos e da ilha da distopia, Luar-do-chão (simbolizando o próprio país). A ilha

Luar-do-Chão precisava se reerguer das cinzas dos do colonialismo e dos abusos dos novos governantes, ou seja, se reerguer de tempos distópicos.

Nos dois romances, um novo tipo de poder, junto com a herança colonial estava instaurado. Através das caracterizações dos dois personagens combatentes analisados, mergulhados em climas utópicos e distópicos também podemos compreender os conflitos durante as lutas de independência, a guerra civil e até a construção dos atuais partidos políticos, ex-movimentos de libertação, como MPLA e FRELIMO. Além de entender a herança deixada no continente africano como o neocolonialismo, exemplificado nos romances com os personagens Malongo, Vítor, o bispo Elias e Último.

Assim, as duas narrativas não se confrontam, mas se completam na representação do que foram as lutas de libertação nacional, bem como na denúncia do que houve depois. Dois países unidos em determinado período da história, por um só sonho, uma só utopia: levantar a bandeira nacional e instaurar a ordem social justa.

Em resumo, procuramos analisar a representação dos guerrilheiros da utopia, transformados após a independência em personagens da distopia. Mas, tempos utópicos e distópicos podem ser compreendidos dentro de um ciclo de renascimento da esperança, tal como a afirmação positiva do narrador do romance angolano: “Portanto, só os ciclos eram eternos [...]. Como é óbvio, não pode existir epílogo nem ponto final para uma estória que começa por portanto.” (PEPETELA, 2000, p. 4 e 497). Ou no dizer da personagem Curozero Muando, no provérbio que abre o capítulo 9 de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*: “O bom do caminho é haver volta. Para ida sem vinda basta o tempo” (COUTO, 2003 p. 123).

Referências bibliográficas

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê, 2003.

AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano: escritas pós-coloniais**. Lisboa: Caminho, 2004.

BUENO, Wilson. **O escritor pode apoiar uma guerra, diz Pepetela**. Caderno 2, O Estado de S. Paulo, 11 jun.2000. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

BLOCH, Ernest. **O Princípio Esperança**. v. 1. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ, Contraponto. Rio de Janeiro. 2005.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARDOSO, Jaqueline Teodora Alves. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra: entre as tramas da tradição e a urdidura da modernidade. **África e Africanidade**, N. 6, agosto, 2009. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Um_rio_chamado_tempo.pdf Acesso em: 10\09\17

CARELLI, Fabiana; FERNANDES, Glaucia Regina. A guerra como tema e escrita como arma: a juventude sonhada de A geração da Utopia, de Pepetela. **Via atlântica**, São Paulo, N. 26, p. 275-286, dezembro, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/82603> Acesso em: 13\09\17

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê Editorial: 2005.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.

COUTO, Mia. **Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERREIRA, Manuel. Dependência e individualismo nas literaturas africanas. **Centro de Estudos Portugueses**. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 39-47, 1980. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2359-0076.2.3.39-47> Acesso em: 13\10\17

FROTA, Luciane da Mota. O tempo e a memória em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra de Mia Couto. **Cadernos Cespuc**. Belo Horizonte, n. 20, p. 31-39. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/viewFile/7866/6888> Acesso em: 10\09\17

HONWANA, Raúl Bernardo. **Memórias [1985]**. Lisboa: Edições ASA, 1989, p. 69-70.

MOTA, Denise. **Independência e Justiça**. Raça Brasil, n. 97, São Paulo, abril 2006. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). A matriz africana presente no mundo. In: OLIVEIRA, Francisco Romão de. **África ontem e hoje: uma perspectiva angolana**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PEPETELA. **A geração da utopia**. 3ª. edição, Lisboa: Editora Planeta de Agostini/Dom Quixote, 2000.

SARAIVA, Sueli. **Boaventura Cardoso, Mia Couto e a experiência do tempo no romance africano**. São Paulo: Terceira Margem, 2012.

RUCKERT, Gustavo Henrique. A geração da Utopia em tempos de distopia. **Nau literária da UFRGS**, v. 7, p. 1-12, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/20429/13337> Acesso em: 13\07\17

VEIGA, Luiz Maria. **De armas na mão: Personagens-Guerrilheiros em romances de Antonio Callado, Pepetela e Luandino Vieira**. 2015. 541 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

2015. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/...09102015.../2015_LuizMariaVeiga_VOrig.pdf Acesso em: 13\08\17